

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

ornellas@estadao.com.br



CARTA A UM AMIGO

Delicadeza para com a Cidade

Por e-mail, chega-me a seguinte mensagem:

“Caro Chico
Impossível deixar de pensar em você ao ler, na edição de 4ª feira (19.5.) do *Estadão* um artigo de João Crestana, presidente do Secovi-SP e da Comissão Nacional da Indústria Imobiliária. Sua transcrição creio que seria muito útil para alertar os governantes da Mogi que você tanto cultua. Fica a colaboração do leitor Cássio.

O ARTIGO:

Apreendi de um poema que é necessário pensamento vertical para aprofundar um assunto, tornar-se um especialista. Já o pensamento lateral nos faz aventurar por território desconhecido, cavar muitos buracos simultaneamente, às vezes perder o foco... Para ‘sair da caixa’, olhar uma situação de forma diferente, às vezes é útil ouvir alguém de fora, um portador de ferramentas intelectuais diferentes, cuja análise nos permita explicitar o que é óbvio, mas ainda subjacente. Sábado, ao ler o *Estadão*, compreendi que falta *delicadeza* na análise dos problemas de ocupação urbana de São Paulo. E são plurais esses problemas.

Para começar, *delicadeza* significa *complicação* e *dificuldade* de uma situação. São Paulo cresceu 40 vezes durante o século 20, enquanto Nova York apenas se multiplicou por quatro. Em meados de 1899, entre carroças, porcos e cachorros deslocavam-se em suas ruas 240 mil habitantes. Prestes Maia, o primeiro governante preocupado com o planejamento, pôs em prática na década de 1940 o Plano de Avenidas, que não chegou aos subúrbios, entregues às ocupações clandestinas ou irregulares. Na década de 1970, o prefeito Figueiredo Ferraz tentou decretar: ‘São Paulo precisa parar.’ Mas, sabidamente, somente introduziu novo zoneamento, não construiu muros impedindo imigrantes nem proibiu a concepção de novos paulistanos. Em 2002, um novo Plano Diretor foi aprovado: eivado de confusões, omissões e inconsistências, teve o grande mérito de ser explícito e valente, ao promover abertamente na sociedade a discussão do urbanismo. Hoje, com 11 milhões de paulistanos, e após várias gestões, com erros e acertos, a cidade sofre os efeitos crônicos de uma planificação que não corresponde à sua grandeza.

Delicadeza é *embaraço real*: a capital responde por aproximadamente 50% da frota de automóveis do Estado de São Paulo. Mais de 3,5 milhões de veículos saem às ruas diariamente, sendo mais da metade com uma única pessoa. Ao todo, são feitos 38 milhões de viagens diárias na Região Metropolitana, das quais 25 milhões, motorizadas. O trabalhador mora longe do trabalho, o doente não tem hospital perto de casa e o estudante tem de percorrer longas distâncias para chegar à escola. Para complicar, o transporte público é insuficiente.

Delicadeza ou *sutileza, sensibilidade extrema* é essencial para diagnosticar a única resposta possível – aproximar a moradia do trabalho, o doente do centro de saúde, o aluno da escola, o jovem do teatro e da biblioteca. Isso se conseguiria dirigindo o crescimento da cidade a centros autos-

sustentáveis, ‘cidades dentro da cidade’. Urge revitalizar setores da cidade de São Paulo dentro destes princípios; a inércia, o marasmo, a passividade nunca responderiam a essa necessidade.

Delicadeza significa *sagacidade* e *perspicácia* para perceber que a complexidade se multiplica porque o planejamento somente é iniciado, discutido e sancionado pelos poderes Legislativo e Executivo, a seu talento. Sabidamente, o nosso sistema político tem vícios antigos, que desviam o foco dos reais interesses da população, privilegiam o fisiologismo e deixam o cidadão inerme, desprovido de efetiva representatividade. Para agravar, há proposital confusão entre legítima ajuda eleitoral a candidatos e eventual corrupção para compra de votos. Afinal, empresas, entidades e cidadãos têm o direito e mesmo o dever de patrocinar políticos que, a seu critério, comungam princípios voltados para o bem comum, dentro de sua ideologia, desde que na forma da lei. Abominável seria a compra de votos com recursos escusos, para a consecução de interesses individuais contrários à sociedade. Liberdade de representação, sim, banditismo contra o povo, não! Delicados são escrúpulo e esmero de julgamento, longe da hipocrisia, ao distinguir um do outro.

Delicadeza significa apuro, cortesia e ternura de abominar qualquer preconceito contra negros, brancos, psicólogos, engenheiros ou mesmo empresários. Pois o preconceito é inaceitável por princípio, e não por definição seletiva de um determinado grupo ideológico. Charlatães e incompetentes há de todas as cores e em qualquer profissão: cumpre manter critério para identificá-los.

Delicadeza é *destreza, suavidade, finura* para reconhecer que ‘cada criança que nasce neste mundo é, também, um problema que nós temos o compromisso de tentar, desde já, resolver’. E elas teimam, continuam nascendo em nossa cidade, talvez mais de 150 mil todo ano; cada uma delas poderá constituir família, procurar um teto para morar e um local concreto de trabalho digno e sustentável. Seria desumano não lutar para atendê-las, ‘é melhor tentarmos contribuir para o bem da humanidade com algo mais do que o prolongamento de nossa carga genética’.

Delicadeza se traduz na *destreza* e *urbanidade* de entender que somente conseguiremos uma cidade melhor quando deixarmos de nos atacar e nos culpar mutuamente pelos erros urbanos históricos e nos unirmos pela busca multidisciplinar das soluções. A desunião favorece os espertalhões de plantão, aqueles que protegem seus interesses pequenos e mesquinhos sub-repticiamente, navegando com hipocrisia pela confusão disseminada.

Urbanistas, empresários, sociólogos, historiadores, especialistas nas mais diversas facetas urbanas, qualquer paulistano nato ou por eleição, deveriam, delicadamente, se unir para começar de onde estamos, com o objetivo de planejar a metrópole que queremos e sustentavelmente construí-la. Olhos ativos no futuro, respeito venerável ao passado e às tradições da Pauliceia.

Nota: Créditos por este texto ao *Aurélio*, a Ryuho Okawa e à inspiração na colunista Maria Rita Kehl.”

Flagrante do Século XX



ARQUIVO PESSOAL

ORQUESTRA HW
Muitos bailes de Mogi entre o final da década de 1930 e o início dos anos de 1940 foram animados pela Orquestra HW, aqui perfilada pouco antes de irromper com seus boleros, samba-canção e valsas. Comandavam-na Hugo Ramos (primeiro à esquerda na primeira fila) e Waldomiro Nogueira (o terceiro). Acima, no centro e de gravata borboleta, o crooner Carlito Ferreira Alves. A foto é dos guardados de Wagner da Silva, cujo avô materno integrava o grupo (na segunda fila, o segundo da esquerda para a direita).

MOGI DE A A Z

O Farol da Sabedoria

Da série
45 sugestões
para os
450 anos de Mogi

Tudo muito simples. Barato. Uma construção rústica abriga uma pequena biblioteca, sala para cursos livres e um setor de atendimento ao público, no qual se presta assistência de todo tipo – informação cidadã, encaminhamento médico, assistência quanto à segurança. A isso se deu, em Curitiba, o nome de “Farol da Sabedoria”. Tem mais de 30 anos e se espalhou pelo Brasil. Só não chegou a Mogi das Cruzes.

Em 2000, por exemplo – e faz 10 anos – o Ministério do Turismo celebrou um acordo com a Prefeitura Municipal de Caroebe. Município de 6 mil habitantes muito perto de onde Judas perdeu as calças: fica em Roraima, a 338 quilômetros da capital Boa Vista. Não tem eleitores nem para indicar um inspetor de quarteirão, mas recebeu verba do Ministério do Turismo para construir o seu Farol da Sabedoria. Em outro extremo do País, a Prefeitura de Novo Hamburgo (250 mil habitantes), no Rio Grande do Sul, anunciou o projeto de

construir um Farol da Sabedoria em área da Escola Nilo Peçanha. Teria biblioteca de 2,6 mil títulos, biblioteca virtual, videoteca e sala de pesquisas. Ao custo de R\$ 74 mil.

A ideia é de Jaime Lerner, o gênio urbanístico que fez de Curitiba o modelo de cidade que é. O Farol da Sabedoria seria um centro de convivência comunitária, um núcleo de apoio à vida. Poderia funcionar próximo a uma escola, a uma delegacia de polícia, a um posto de saúde ou em uma praça pública. A par dos serviços públicos e à cultura que presta, seria também – e principalmente – a materialização do poder público na raiz da comunidade. O cidadão sabendo, vendo e sentindo que o poder público está próximo dele. Um telefone teria programa de acesso direto aos serviços públicos: saúde, segurança, limpeza. Ali o prefeito despacharia algumas vezes ao ano; seus assessores mais regularmente. E uma urna (ou computador) estaria sempre à disposição do morador do bairro com uma proposta: “Conversando a gente se entende”, instigando-o a fazer críticas (e elogios); a encaminhar reivindicações e sugestões. Uma maneira lógica de sair da teoria à prática na construção da cidadania.



ARQUIVO

EM CURITIBA
Assim é o Farol da Sabedoria em Curitiba, núcleo para a prática da cidadania

SER MOGIANO É....

.... ter ido buscar água na Fonte Áurea em Poá

O MELHOR DE MOGI

A música de Edson Nahum nos almoços de sábado no Cantagalo. Para complementar, o bom papo dele próprio nos intervalos.

O PIOR DE MOGI

Rua do mesmo nome: você mora na Deodato do Centro ou de Braz Cubas? Na praça Hélio Borenstein ou na Avenida Hélio Borenstein?